UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ANGLO-GERMÂNICAS
LETRAS PORTUGUÊS-ALEMÃO

DAS TERRAS GERMANÓFONAS AO SERTÃO NORDESTINO - POR UMA COMPARAÇÃO HISTÓRICO-LITERÁRIA DE ASPECTOS DA REALIDADE SOCIAL NA COCANHA E NA TERRA DE SÃO SARUÊ

MONOGRAFIA

Rio de Janeiro - RJ
2021

BEATRIZ PASSOS JORAS

DAS TERRAS GERMANÓFONAS AO SERTÃO NORDESTINO - POR UMA COMPARAÇÃO HISTÓRICO-LITERÁRIA DE ASPECTOS DA REALIDADE SOCIAL NA COCANHA E NA TERRA DE SÃO SARUÊ

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Letras na habilitação Português-Alemão.

Orientador: Prof. Álvaro Alfredo Bragança Júnior

Rio de Janeiro – RJ
2021

CIP - Catalogação na Publicação

JJ82t

Joras, Beatriz
DAS TERRAS GERMANÓFONAS AO SERTÃO NORDESTINO - POR UMA COMPARAÇÃO HISTÓRICO-LITERÁRIA DE ASPECTOS DA REALIDADE SOCIAL NA COCANHA E NA TERRA DE SÃO SARUÊ / Beatriz Joras. -- Rio de Janeiro, 2021.
45 f.

Orientador: Álvaro Alfredo Bragança Júnior.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Alemão, 2021.

1. Cocanha. 2. São Saruê. 3. Hans Sachs. 4. Irmãos Grimm. 5. Tradução. I. Alfredo Bragança Júnior, Álvaro, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

AGRADECIMENTOS

À minha família; meus pais, Elaine e Renato, que me deram e continuam dando o apoio necessário para que eu siga meu caminho, não importa qual seja; meu irmão, Guilherme, pela companhia e parceria de sempre; meus avós maternos, Neyde e Heriberto, pelo cuidado e presença ao longo da minha vida; meus avós paternos, Teresinha e Moreira, pelo carinho e acolhimento; e meu primo, João, pela amizade e todos os momentos jogando Pokémon.

Ao meu orientador, Álvaro Alfredo Bragança Júnior, pela ajuda, apoio e, acima de tudo, paciência ao longo da confecção deste trabalho. Obrigada por ter sido solícito e gentil em um momento tão turbulento quanto os últimos dois anos. Foi um prazer ser sua aluna e orientanda.

À professora Flávia Coutinho, que me ensinou a importância de livros e histórias desde muito antes do nosso encontro em sua sala de aula. Obrigada por todo carinho que me foi dado desde que nos conhecemos, em uma sexta-feira qualquer de Ação Social; obrigada até mesmo pelos puxões de orelha, chamadas de atenção e broncas porque eu falava demais na aula. Acima de tudo, obrigada por ter se tornado minha amiga.

Aos professores do Colégio Cruzeiro, em especial à equipe de Português de 2015. Vocês foram essenciais à minha formação humana tanto quanto na acadêmica.

Aos meus amigos do Trailer, que caminham comigo desde 4 de abril de 2016 e acompanharam cada trancamento de matéria, cada partida de Uno entre aulas, cada corrida pra chegar na sala às 7h30. Obrigada por fazerem parte da família que eu escolhi.

Às professoras Érica Schlude e Mergenfel Vaz e aos professores Luiz Barros Montez e Rafael Santos, além de muitos outros da faculdade de Letras. Vocês tiveram um imenso impacto no meu crescimento neste período da minha vida e sou muito grata por todos os ensinamentos.

E, por fim, à UFRJ, pelos anos de graduação que me foram proporcionados.

“A Cocanha não está nem no passado nem no futuro.
A Cocanha é a festa de um presente eterno.”
(Jacques Le Goff)

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO…… 7

II. LITERATURA E HISTÓRIA - RETRATOS SOCIAIS DA POBREZA NO SACRO IMPÉRIO……..…….. 8

III. A COCANHA OU "DAS SCHLARAFFENLAND": O IMAGINÁRIO E O REAL……..... 10

IV. DAS SCHLARAFFENLAND - ORIGINAL E TRADUÇÃO…… 13

V. DAS SCHLARAFFENLAND DE HANS SACHS – A COCANHA DO SÉCULO XVI……..... 16

VI. DAS MÄRCHEN VOM SCHLAURAFFENLAND - ORIGINAL E TRADUÇÃO…….….. 20

VII. MUDANÇA DE TEMPOS - DAS SCHLAURAFFENLAND DOS IRMÃOS GRIMM……. 22

VIII. VIAGEM AO PAÍS DE SÃO SARUÊ - TEXTO……. 26

IX. O TRÓPICO MEDIEVAL OU O MEDIEVO TROPICAL? O PAÍS DE SÃO SARUÊ ……..... 33

X. AS FACES DA COCANHA: COMPARANDO AS FONTES…….. 36

XI. CONCLUSÃO…… 43

XII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS……. 45

DAS TERRAS GERMANÓFONAS AO SERTÃO NORDESTINO - POR UMA COMPARAÇÃO HISTÓRICO-LITERÁRIA DE ASPECTOS DA REALIDADE SOCIAL NA COCANHA E NA TERRA DE SÃO SARUÊ

I. INTRODUÇÃO

O ato de sonhar está presente na sociedade humana desde o primórdio dos tempos. Em muitas ocasiões, os homens propõem-se a imaginar mundos que, em algum aspecto, subvertem a realidade do mundo sensível. Daí surgem as utopias, isto é, "não-lugares", onde os sonhos e as projeções humanas podem existir paralelamente à realidade. Um desses lugares imaginários cuja presença persistiu ao longo de muitos e muitos séculos é a Cocanha.

Este trabalho tem o objetivo de analisar algumas das versões registradas desse mundo ideal que teve sua origem na Idade Média. Ao longo dos séculos, a Cocanha teve muitos nomes, muitos autores e muitas faces, algumas mais similares do que outras. Além de trabalhar com os textos selecionados, analisando a função sociocultural de cada versão - uma da Idade Moderna, escrita pelo poeta alemão Hans Sachs, uma do início da Idade Contemporânea, coletada pelos também alemães Jacob e Wilhelm Grimm e, finalmente, uma de meados do século XX, redigida pelo brasileiro Manoel Camilo dos Santos - serão estabelecidas comparações entre elas e oferecidas traduções dos textos originais em alemão.

Busca-se, aqui, fazer reflexões sobre o desenvolvimento e as mudanças presentes nas diferentes versões da Cocanha, considerando o contexto social de cada uma delas e suas funções dentro da sociedade em que foram escritas. Ao analisar cada texto levando em conta o momento histórico e local em que foram escritos, podemos começar a compreender algumas das transformações pelas quais esse trecho do folclore medieval passou ao longo dos séculos, chegando às terras brasileiras.

II. LITERATURA E HISTÓRIA - RETRATOS SOCIAIS DA POBREZA NO SACRO IMPÉRIO

A Idade Média teve seu início no século V, com a desintegração territorial e política do Império Romano do Ocidente, e seu fim no século XV, com a transição para a Idade Moderna. O Período Medieval costuma ser genericamente dividido entre Alta e Baixa Idade Média, períodos que se diferenciam pela construção paulatina do que seria denominada, a partir do século XI, de a sociedade feudal, enfraquecimento do comércio e fortalecimento da Igreja na Alta Idade Média, que durou do século V ao IX, e pelo surgimento da burguesia e fortalecimento urbano na Baixa Idade Média, do século X ao XV.

O termo "Idade Média", como o conhecemos, surgiu no século XVI. Já na época, olhava-se para esse período histórico com desdém e desprezo. Essa visão se perpetuaria ao longo dos séculos seguintes, que buscavam um retorno aos valores clássicos da Antiguidade no que diz respeito aos aspectos culturais, econômicos e políticos - esse é o movimento conhecido como Renascimento.

A ideia de movimentos culturais e artísticos que se opõem ao movimento anterior não é incomum nem desconhecida. Podemos facilmente observar esse desejo de afastamento, assim como o intuito de se distanciar e criticar o que veio antes, ao estudarmos as escolas literárias brasileiras. O Romantismo rompeu com o modelo Árcade, que fazia muitas referências aos ideais clássicos greco-romanos, e trouxe, em sua primeira fase, o nacionalismo. O Realismo, que veio a seguir, fugiu da subjetividade e sentimentalismo que caracterizavam as obras românticas e pautou-se pela objetividade e por críticas sociais, com uma linguagem mais coloquial. O Naturalismo foi uma radicalização do Realismo, seguido pelo Parnasianismo, em que tínhamos a "arte pela arte", ideia de que a forma era muito mais importante que o conteúdo em si, e a linguagem usada era muito mais rebuscada.

Do mesmo modo, as sociedades do século XVI ao XVIII buscavam se aproximar das sociedades clássicas, opondo-se à antecessora, considerada bárbara ou, como também chamavam na época, gótica. Para os renascentistas, a Idade Média havia sido um bloqueio no desenvolvimento humano, uma "espessa noite gótica", segundo François Rabelais (1483-1553).

A sociedade medieval era pautada pelo feudalismo, uma estrutura social dividida entre suseranos e seus vassalos[1]. A monarquia era, nessa época, descentralizada. Os nobres donos de terras eram quem, efetivamente, tinham poder sobre os camponeses que moravam e

[1] O feudalismo só se afirma, de fato, como sistema social, político e econômico a partir do século XI, tendo variações em sua intensidade nas diferentes regiões da Europa.

trabalhavam em seus domínios. Assim, a Idade Média pode ser considerada uma época de supremacia da nobreza e do clero e, principalmente no caso do Sacro Império Romano, de fragmentação política monárquica.

Olhando para a classes não-dominantes, também observamos que os camponeses não tinham possibilidade de ascender socialmente e, na verdade, muitas vezes acabavam em situações de servidão que beiravam à escravidão, sem liberdade e presos à uma terra da qual tinham aberto mão para conseguir sobreviver. Os reis e nobres cobravam impostos altíssimos e consolidaram como hereditária a administração do reino e feudos. Esse conjunto de fatores fazia com que os camponeses livres fossem dependentes dos nobres donos de terras, trabalhando para eles e fornecendo-lhes grande parte da sua produção total em troca de proteção e segurança.

Franco Júnior diz:

> Na base da sociedade, os trabalhadores livres urbanos tiveram decretada a vitaliciedade e hereditariedade de suas funções, sendo reunidos em collegiae (corporações) de acordo com a especialização, para facilitar o controle estatal. Os trabalhadores livres rurais tendiam a se tornar dependentes dos latifundiários por meio do patrocinium e, sobretudo, do colonato. A criação dessa instituição era uma tentativa de responder a problemas colocados pela crise: atendia ao interesse dos proprietários em ter mais mão-de-obra, ao interesse do Estado em garantir suas rendas fiscais, ao interesse dos humildes e despossuídos por segurança e estabilidade. (Franco Júnior, 2001, p. 114)

Além disso, as populações do medievo também encontraram-se vítimas de mais de uma epidemia. Não só a conhecida e devastadora Peste Negra do século XIV, como a varíola, malária e lepra dizimaram a população medieval. Esses fatores, além dos listados acima, tornaram a sobrevivência na Europa extremamente difícil e dolorosa. Camponeses livres viam-se, na melhor das hipóteses, não tendo produtos excedentes para vender e, na pior delas, passando fome. Muitas vezes entravam em conflito com seus senhores, já que sofriam pressão pelos altíssimos impostos e taxas que precisavam pagar, sem possibilidade de conseguirem acumular dinheiro para adquirir um lote de terra e ascenderem socialmente.

O retrato da sociedade medieval como um todo não é um, para nós, desconhecido. Havia uma carência inegável de alimento - não só o suficiente para sobrevivência, mas em abundância para a população. Por outro lado existia um excesso de trabalho, sem que os trabalhadores jamais conseguissem tirar proveito dos frutos de seu labor fora da sobrevivência básica. Havia carência de saúde, de tranquilidade, de um mundo que não oprimisse os camponeses e lhes permitisse fazer mais do que apenas sobreviver. O que é usado, então, em uma tentativa de suprir essas necessidades, é o imaginário, uma vez que não havia nada que pudesse ser efetivamente feito.

III. A COCANHA OU "DAS SCHLARAFFENLAND": O IMAGINÁRIO E O REAL

A Cocanha, conhecida em alemão como "Das Schlaraffenland[2]", é uma terra onde fluem rios de leite, os animais já vivem cozidos e ninguém precisa trabalhar. Esta região, obviamente, não passa de uma utopia criada pelo imaginário dos camponeses medievais que viviam em meio a tanta pobreza e miséria, tendo um lugar como a Cocanha como seu maior sonho.

Utopias não são raras na literatura ou no imaginário coletivo de um povo. Mesmo no Brasil, talvez o exemplo de utopia mais famoso seja Pasárgada, de Manoel Bandeira. Franco Júnior, em *Cocanha: A História de um País Imaginário*, diz que "toda manifestação utópica é fundamentalmente um produto coletivo e de longa gestação, mesmo quando seu registro literário definitivo seja devido a uma individualidade bem conhecida…" (2001, p. 34). Assim como podemos classificar Pasárgada como um registro literário devido a uma individualidade, a Cocanha, que se fez relevante por ser a projeção de desejos de todo um grupo de pessoas ao longo de muitos séculos, também foi retratada em obras específicas.

Godoy (2007, p. 123) afirma que "Cocanha é, ao mesmo tempo, mito, ideologia e utopia", ou seja, ela serve para simbolizar os desejos dos homens ao longo de sua história. A necessidade da criação de um lugar imaginário idealizado, cuja mera existência solucionaria todos os problemas enfrentados por um grupo de pessoas, demonstra o sofrimento e as dificuldades deste grupo. Não é a toa que a Cocanha como um país imaginário surge pela primeira vez, segundo Franco Júnior (2001, p. 25), no período da Baixa Idade Média, em uma Europa onde os camponeses viviam em um sistema de quase escravidão, sem possibilidade de ascensão social, sem alimentos suficientes e frequentes e em meio a sérias epidemias.

É importante notar, contudo, que a Cocanha, apesar de ser uma utopia, não era e nunca foi um projeto de civilização utópica. Não havia nenhum plano ou projeto para transformar a Cocanha em um país ou cidade de verdade. Ela era apenas uma criação do imaginário coletivo de pessoas que viviam na miséria.

O próprio caráter da Cocanha mostra que não temos aqui um projeto de utopia como a República de Platão, por exemplo. Também chamada de "terra da preguiça" ou "terra da abundância", há muitos escritos e muitas versões que a descrevem, partindo da França, passando pela Alemanha, Inglaterra, Itália e Espanha. Contudo, o que todas essas versões têm

---

[2] É especulado, no *Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm,* que a palavra tem sua origem no médio alto alemão *slûraffe*, que seria a junção das palavras *slûr*, que significava "preguiçoso" e *affe,* que significava "idiota", "tolo", ou "insensato".

em comum é o que, exatamente, elas descrevem como o mundo utópico. O mundo ideal, em sua essência, é um mundo de fácil acesso a alimentos, lazer e descanso - uma subversão de tudo que o mundo real oferecia.

Na verdade, em muitos dos relatos da Cocanha medieval, trabalhar era não só desencorajado como era proibido. Na Cocanha de Hans Sachs, como mostrado adiante, a subversão da sociedade como ela era é tão forte que seria coroado rei quem fosse mais preguiçoso, quem contasse uma grande mentira ganharia dinheiro e quem gostasse de respeito e disciplina seria expulso daquela terra.

Tudo isso colocava-se em contraste com a ideologia e mentalidade da época. A sociedade do Sacro Império, que tinha passado pela reforma protestante iniciada em 1517 com o envio das *Noventa e Cinco Teses Sobre o Poder e a Eficácia das Indulgências*, de Martinho Lutero, via o trabalho como uma opressão necessária. A preguiça que reinava nos sonhos dos camponeses, na realidade, era considerada pecaminosa e contra a vontade de Deus. O trabalho era como uma ordem divina que devia ser seguida. Além disso, a ideologia protestante sobre o trabalho ainda alimentava os interesses burgueses, ditando que o prazer deveria ser comedido, pois era valorizada a frugalidade. Brandão (2016, p. 569) diz que “Assim, o país da Cocanha - um lugar de prazeres ininterruptos e liberdade de instintos, no qual não há trabalho e o ventre triunfa sobre a razão - é avesso ao ideal de mundo protestante e burguês.”

A ideia do “mundo às avessas” permeia tudo o que constitui o imaginário da terra da Cocanha. A carência de alimentos é em especial muito chamativa, já nela se pautava, de certa forma, a hierarquia da sociedade - quem tinha o privilégio de não passar fome era rico. A falta de alimentos frequentes e suficientes assombrava constantemente o homem medieval, mesmo após avanços na área agrícola. A Cocanha surge rompendo a deficiência alimentar, oferecendo fartura a todos, facilmente acessível, com seus rios de leite e animais que já vivem assados em quaisquer lugares, prontos para o consumo. Em todos os relatos que a tematizam, desde seu primeiro registro, o traço em comum de todos os mundos cocanianos, como diz Franco Júnior, é a livre e excessiva oferta de comida.

> Nos relatos alemães, são mencionados queijos, frutas, castanhas, cogumelos, condimentos, leite, creme, manteiga, vegetais, vinho, cerveja, hidromel e aguardente. Na versão popular recolhida pelos irmãos Grimm no começo do século XIX, a casa é feita de doces e bolos. Enquanto o *fabliau da Cocanha* faz referência a vinho branco e tinto, comparados aos cinco melhores então existentes (FC vv. 65-72), a versão inglesa fala apenas em clarete e Boccaccio menciona somente vinho branco." Enquanto no texto francês aparece apenas

> uma referência a alimento doce (FC v. 99), em uma versão espanhola de meados do século XVI há um rio de mel, árvores cujas folhas são manjares doces, caixas de guloseimas espalhadas por toda parte. (Franco Júnior, 1998, p. 58)

Franco Júnior ainda cita, também, quais comidas são mencionadas nos textos e o porquê. Mais uma vez, observa-se a subversão da realidade no mundo idealizado, já que muito se sonhava em comer carnes e beber vinho. Tudo isso põe-se em oposição direta à realidade, em que camponeses comiam muitos legumes e frutas, na época considerados não tão saudáveis e de difícil digestão, "adequados apenas aos estômagos rudes dos camponeses" (Franco Júnior, 1998, p. 62).

Em todas as suas características mais intrínsecas, vemos a Cocanha como contraponto da realidade medieval. Isso não é por acaso, uma vez que todos os aspectos dessa terra ideal foram sonhados de modo que sanassem as carências do camponês da época, camponês esse que frequentemente tinha fome, via seu trabalho como uma opressão divina, e que, vivendo em uma sociedade estamental, não tinha chances de ascender socialmente com seu trabalho. A Cocanha configurava-se, então, como um refúgio onírico para a população medieval.

IV. DAS SCHLARAFFENLAND - ORIGINAL E TRADUÇÃO

Das Schlaraffenland

Eine Gegend heißt Schlaraffenland,
den faulen Leuten wohlbekannt;
die liegt drei Meilen hinter Weihnachten.
Ein Mensch, der dahinein will trachten,
muß sich des großen Dings vermessen
und durch einen Berg von Hirsebrei essen;
der ist wohl dreier Meilen dick;
alsdann ist er im Augenblick
im selbigen Schlaraffenland.
Da hat er Speis und Trank zur Hand;
da sind die Häuser gedeckt mit Fladen,
mit Lebkuchen Tür und Fensterladen.
Um jedes Haus geht rings ein Zaun,
geflochten aus Bratwürsten braun;
vom besten Weine sind die Bronnen,
kommen einem selbst ins Maul geronnen.
An den Tannen hängen süße Krapfen
wie hierzulande die Tannenzapfen;
auf Weidenbäumen Semmeln stehn,
unten Bäche von Milch hergehn;
in diese fallen sie hinab,
daß jedermann zu essen hab.
Auch schwimmen Fische in den Lachen,
gesotten, gebraten, gesalzen, gebacken;
die gehen bei dem Gestad so nahe,
daß man sie mit den Händen fahe.
Auch fliegen um, das mögt ihr glauben,
gebratene Hühner, Gäns′ und Tauben;

A Terra da Cocanha

Há um lugar chamado Terra da Preguiça,
que os preguiçosos bem conhecem;
ela fica a cinco quilômetros do Natal.
Quem quiser procurá-la
deve estar à altura do grande desafio
e comer uma montanha de mingau de milhete no caminho;[3]
ela ocupa bem umas três milhas;
assim, em um piscar de olhos, ele estará
na própria Terra da Preguiça.
Lá, há comida e bebida à mão;
lá, as casas são cobertas de pão,
com portas e janelas de broa de mel.
Cada casa tem uma cerca,
trançada com linguiças de porco;
as fontes têm os melhores vinhos,
que já fluem à sua boca.
Em pinheiros, dão doces rosquinhas,
como, neste mundo, dão as pinhas;
em salgueiros, nascem pães,
embaixo riachos de leite fluem;
neles, caem aqueles
para que cada um possa se alimentar.
Nas poças d´água, também nadam peixes,
cozidos, fritos, salgados e assados;
eles nadam tão perto da costa,
que dá para pegá-los com as próprias mãos.
Também voam, podeis acreditar,
frangos, gansos e pombos assados,

[3] Tamanho da fonte alterado para manter o verso ao lado do original.

wer sie nicht fängt und ist so faul,
30 dem fliegen sie selbst in das Maul.
Die Schweine, fett und wohlgeraten,
laufen im Lande umher gebraten.
Jedes hat ein Messer im Rück′;
damit schneid′t man sich ab ein Stück
35 und steckt das Messer wieder hinein.
Käse liegen umher wie die Stein.
Ganz bequem haben′s die Bauern;
sie wachsen auf Bäumen, an den Mauern;
sind sie zeitig, so fallen sie ab,
40 jeder in ein Paar Stiefel herab.
Auch ist ein Jungbrunn in dem Land;
mit dem ist es also bewandt:
wer da häßlich ist oder alt,
der badet sich jung und wohlgestalt′t
45 Bei den Leuten sind allein gelitten
mühelose, bequeme Sitten.
So zum Ziel schießen die Gäst′,
wer am meisten fehlt, gewinnt das Best;
im Laufe gewinnt der Letzte allein;
50 das Schlafrocktragen ist allgemein,
Auch ist im Lande gut Geld gewinnen:
wer Tag und Nacht schläft darinnen,
dem gibt man für die Stund′ einen Gulden;
wer wacker und fleißig ist, macht Schulden.
55 Dem, welcher da sein Geld verspielt,
man alles zwiefach gleich vergilt,
und wer seine Schuld nicht gern bezahlt,
auch wenn sie wär eines Jahres alt,
dem muß der andere doppelt geben.
Der, welcher liebt ein lustig Leben,
60 kriegt für den Trunk einen Batzen Lohn;

e, para os preguiçosos que não os pegarem,
eles voam direto para sua boca.
Os porcos, suculentos bem-educados,
correm por aí já fritos.
Eles carregam às costas uma faca,
com ela, corta-se um pedaço
e a devolve para eles.
Queijos ficam espalhados como pedras.
Os camponeses vivem confortavelmente;
os queijos crescem em árvores nos muros;
quando estão maturados, eles caem,
um par de botas para cada um.
Lá, também há uma fonte da juventude;
assim, tudo se resolve:
quem é feio ou velho,
fica novo e belo depois de um banho
Para as pessoas que sofriam sozinhas
costumes simples e fáceis.
Os convidados podem atirar ao alvo,
e, quem mais perder, ganha o melhor prêmio;
nas corridas, vence quem chegar por último;
todos vestem roupões,
Por lá ganha-se muito dinheiro,
quem dorme tarde e noite toda,
recebe um florim por hora;
os corajosos e trabalhadores acumulam dívidas.
Aquele que seu dinheiro desperdiçar,
por igual duas vezes recompensado será,
e se alguém não gosta de sua dívida pagar,
mesmo que há um ano vencida está,
esse ao outro o dobro terá de dar.
Aquele que gosta de viver uma vida divertida,
receberá um montão de dinheiro;

für eine große Lüge gibt man eine Kron′.
Verstand darf man nicht lassen sehn,
aller Vernunft muß man müßig gehn;
wer Sinn und Witz gebrauchen wollt,
dem wär kein Mensch im Lande hold.
Wer Zucht und Ehrbarkeit hätt lieb,
denselben man des Lands vertrieb,
und wer arbeitet mit der Hand,
dem verböt man das Schlaraffenland.
Wer unnütz ist, sich nichts läßt lehren,
der kommt im Land zu großen Ehren,
und wer der Faulste wird erkannt,
derselbige ist König im Land.
Wer wüst, wild und unsinnig ist,
grob, unverständig zu aller Frist,
aus dem macht man im Land einen Fürsten.
Wer gern ficht mit Leberwürsten,
aus dem ein Ritter wird gemacht,
und wer auf gar nichts weiter acht′t
als auf Essen, Trinken und Schlafen,
aus dem macht man im Land einen Grafen.
Wer also lebt wie obgenannt,
der ist gut im Schlaraffenland,
in einem andern aber nicht.
Drum ist ein Spiegel dies Gedicht,
darin du sehest dein Angesicht.

uma coroa é dada para quem contar uma grande mentira.[4]
Não se deve demonstrar intelecto,
e, sim, racionalmente ficar sempre ocioso;
e a quem quiser usar lógica e bom senso,
ninguém sorrirá por toda essa terra.
Quem adora respeito e disciplina,
será expulso desta terra,
e quem faz trabalhos manuais,
é proibido na Terra da Preguiça.
Quem é inútil, não quer aprender nada,
nesta terra alcança grande honra,
e quem for conhecido como o mais preguiçoso,
será coroado Rei.
Quem for feio, selvagem e irracional,
grosseiro e completamente incompreensível,
será coroado Príncipe nesta Terra.
Quem gosta de lutar usando linguiças de fígado,
será sagrado cavaleiro,
e quem não presta atenção a nada
além de comer, beber e dormir,
será declarado Conde nessa Terra.
Então, quem vive desse jeito descrito acima,
passará bem na Terra da Preguiça,
mas não em qualquer outra.
Esse poema é um espelho
no qual você vê sua própria face.

[4] Tamanho da fonte alterado para manter o verso ao lado do original.

V. DAS SCHLARAFFENLAND DE HANS SACHS – A COCANHA DO SÉCULO XVI

Hans Sachs, nascido em 1494, na cidade de Nürnberg, foi um grande poeta e sapateiro alemão. É estimado que ele tenha escrito mais de seis mil obras ao longo de seus 73 anos de vida, tudo isso enquanto ainda atuava em seu ofício de sapateiro. Ele também exercia função de *Mastersinger,* dando continuidade à tradição medieval dos *Minnesänger,* tendo escrito um total de 4200 canções.

A Reforma foi um acontecimento extremamente marcante para Sachs, que apoiou e seguiu os ensinamentos de Martinho Lutero desde muito cedo. Ele atingiu a fama com seu poema *Die Wittenbergische Nachtigall,* publicado em 1523, que apresentava os ensinamentos de Lutero de forma mais palatável e popular, expondo críticas à Igreja Católica. Sachs continuou sendo um ferrenho seguidor dos valores luteranos, inserindo-os em suas obras, a maioria delas escritas em *Knittelversen,* um formato popular em obras germanófonas na Idade Média, com esquema rítmico AABB.

Os valores luteranos, pelos quais Sachs era extremamente interessado, criticavam duramente o estado da Igreja Católica na época. Lutero, por exemplo, afirmava que o único meio de obter salvação era pela fé em Jesus Cristo, opondo-se aos ideais católicos que afirmavam que a salvação seria atingida por “boas obras” e méritos dos homens.

A oposição às crenças da Igreja Católica pode ser observada em diversos aspectos do luteranismo, mas, notavelmente, Brandão (2016) cita que Lutero criticava diretamente o estilo de vida dos monges católicos, chegando a comparar o modo com que eles viviam com a vida na Cocanha - um comentário que demonstrava a visão negativa de Lutero da utopia medieval.

A crença de Lutero e, por consequência, daqueles que acreditavam no luteranismo, analisada por Weber em sua obra *A Ética Protestante e O Espírito do Capitalismo,* colocava o ato do trabalho como algo não só positivo, mas necessário. A vocação era como um dom divino que deveria ser seguido, pois era necessário para o bem do indivíduo e da sociedade em que ele vive. O trabalho era um sinal de gratidão a Deus. A obediência e conformidade dos homens era importante, com a preguiça e excessos sendo condenados. Para Lutero, o prazer deveria ser comedido e a frugalidade era valorizada. Tudo isso, para Weber, está de acordo com o ideal e interesse burguês.

> Sobretudo na Alemanha e nos Países Baixos, a Cocanha, enquanto utopia de uma vida de prazeres e sem trabalho, tornou-se rapidamente objeto de crítica

> moral. Na Cocanha não se trabalha e isso vai de encontro à ideia determinada por Deus para homem. A palavra alemão "*Arbeit*" (trabalho) em sua forma medieval "*Arebeit*" significa "fadiga, pena, tormento". O trabalho penoso era uma necessária opressão e, do ponto de vista teológico e moral, era uma consequência da queda de Adão (*Adam*): feito do pó da terra (em hebraico: *adama*), e entregue à vida após receber o sopro divino no nariz, o homem deveria cultivar e guardar o jardim do Éden (Gen 2:7-15). Depois de provar do fruto da consciência, este foi condenado a abandonar o jardim para garantir seu sustento com o trabalho árduo e, então, adquiriu consciência da triste ligação entre ele e a terra (*adama*). Do *adama* o homem era feito, no *adama* ele iria trabalhar e morar, e ao *adama* retornaria quando morresse (Gen 3:19). Se essa era vontade de Deus, em um mundo às avessas como a Cocanha, lugares desconformes com o plano divino, o trabalho seria substituído pela preguiça. (Brandão, 2016, p. 568)

Sachs, entusiasta dos valores cristãos luteranos, imbuía suas obras com suas crenças. Além de seus textos, voltados para o público popular, terem ganhado grande popularidade, alguns ainda foram apropriados pela igreja luterana, como diz Brandão (2016). A versão da Cocanha de Sachs, portanto, também carrega um tom negativo e moralizador. Se a igreja condenava o ócio e o excesso, era exatamente isso que a Cocanha representava. A desaprovação de Sachs é clara nos últimos versos do poema, onde ele deixa bem evidente que aqueles que viveriam bem na Cocanha e se identificaram com os comportamentos listados como aceitáveis lá não encontrariam sucesso em nenhum outro lugar. Em seguida, chama o próprio poema de espelho, dando a entender que, se alguém se vê no conteúdo descrito acima, está vivendo uma vida de depravações inaceitáveis no mundo real. Vemos isso nos versos finais do poema (83 a 86):

"Então, quem vive desse jeito descrito acima,
passará bem na Terra da Preguiça,
mas não em qualquer outra.
Esse poema é um espelho,
no qual você vê sua própria face."

O contraste entre o mundo real e um mundo errado, às avessas, não é incomum nas obras de Hans Sachs. Na verdade, tanto em sua obra *Das Schlaraffenland* como em sua obra

Fastnachtspiele[5], Sachs tinha intenção de satiricamente fazer uma crítica à sociedade e repassar a doutrina luterana e os valores bíblicos de forma compreensível e palatável. Burke (2010, p. 149) chama a Cocanha de "uma visão da vida como um longo Carnaval, e o Carnaval é uma Cocanha passageira". Similarmente, *Fastnacht* também é um dos nomes do *Karneval*. Em ambas as obras mencionadas, Sachs exagera comportamentos que ele considerava condenáveis para ambientar um "mundo de cabeça para baixo", com o propósito de transmitir suas críticas sociais.

O carnaval, uma festa de origem pagã, Bakhtin especula, trazia para a realidade esse mundo às avessas que Sachs desejava criticar. Sem origem em nenhum santo ou história sagrada e, portanto, não sendo uma festa "oficial" da Igreja Católica, o carnaval representava acima de tudo liberação. Segundo Bakhtin, a festa na Idade Média servia para dar ao povo uma espécie de segunda vida. O carnaval, em oposição às outras festas oficiais da Igreja, que evidenciavam ainda mais a hierarquia social, tinha enorme sucesso em dar às pessoas essa segunda vida. Era uma festa que representava liberação das normas, hierarquias e tabus.

> A abolição das relações hierárquicas possuía uma significação muito especial. Nas festas oficiais, com efeito, as distinções hierárquicas destacavam-se intencionalmente, cada personagem apresentava-se com insígnias dos seus títulos, graus e funções e ocupava o lugar reservado para o seu nível. Essa festa tinha por finalidade a consagração da desigualdade, ao contrário do carnaval, em que todos eram iguais e onde reinava uma forma especial de contato livre e familiar entre indivíduos normalmente separados na vida cotidiana pelas barreiras intransponíveis da sua condição, sua fortuna, seu emprego, idade e situação familiar. (Bakhtin, 1987, p. 9)

Para Scribner (1987), a festa era tolerada pela Igreja e pelo Estado, já que era uma comemoração finita, com data para acabar. Ela não era considerada um pedido de quebra da normalidade social, pois era entendida como uma forma de fuga temporária da realidade. Era permitida a rebelião contra as regras normalmente impostas, pois sabia-se que ela seria apenas temporária e logo acabaria. Para Bakhtin, o carnaval possuía um caráter renovador em sua exaltação do grotesco, violento e perverso, já que, durante o festejo, a morte e o renascimento andavam de mãos dadas - assim, era permitida a quebra dos parâmetros aceitáveis da sociedade, já que, dali, eles retornariam.

Brandão (2016) conclui que o que falta à Cocanha é justamente esse caráter renovador. Sem data para acabar, a Cocanha tornar-se-ia, então, uma falsa promessa de alegria, com seus moradores "condenados à loucura eterna". Essa interpretação encaixa-se perfeitamente ao que

---

[5] *Fastnachtspiele* são é o nome dado para burlescos cômicos, que tiveram sua origem na Alemanha do século XV.

sabemos da perspectiva de Sachs e suas crenças. Afinal, é nisso que se baseia a ética luterana - é preciso trabalhar para merecer o descanso e o prazer. Para o luteranismo, o prazer, a diversão e o descanso não podem existir sem um contraponto - o trabalho. Por mais que eles mesmos considerem o trabalho um fardo, uma vez que o chamam de um sofrimento necessário, Lutero e, por consequência, Sachs, acreditam que a vida baseada no ócio e no prazer, uma vida pautada às avessas do mundo real e seus parâmetros é uma vida pecaminosa.

Com a popularidade de seus textos, Sachs obteve muito sucesso em seu objetivo de difundir os ideais luteranos. Baker (2017) afirma que ele era um verdadeiro formador de opiniões e que ensinava seu público a como, de fato, se tornar luterano. A utilização de passagens bíblicas, falas de Lutero e ideais cristãos em seus trabalhos não eram coincidência - muito pelo contrário. Sachs tinha a intenção de usar sua influência pela literatura para atrair o povo para os ensinamentos de Lutero através de sua linguagem popular e rimas, assim criando sátiras que o permitiam fazer críticas às mudanças sociais, econômicas e religiosas que ele via como danosas à sociedade (Baker, 2017, p. 1)

VI. DAS MÄRCHEN VOM SCHLAURAFFENLAND - ORIGINAL E TRADUÇÃO

Das Märchen vom Schlauraffenland

In der Schlauraffenzeit da ging ich und sah an einem kleinen Seidenfaden hing Rom und der Lateran, und ein fußloser Mann, der überlief ein schnelles Pferd, und ein bitterscharfes Schwert eine Brücke durchhauen; da sah ich einen jungen Esel mit einer silbernen Nase der jug hinter zwei schnellen Hasen her, und eine Linde, die war breit, auf der wuchsen heiße Fladen, da sah ich eine alte dürre Geist, trug wohl hundert Fuder Schmalzes an ihrem Leibe und sechzig Fuder Salzes. Ist das nicht gelogen genug?

Da sah ich zackern einen Pflug, ohne Roß und Rinder, und ein jähriges Kind warf vier Mühlensteine von Regensburg bis nach Trier und von Trier hinein in Strasburg; und ein Habicht schwamm über den Rhein, das that er mit vollem Recht, da hört' ich Fische miteinander Lärm anfangen, daß es in den Himmel hinauf scholl, und ein süßer Honig floß wie Wasser von einem tiefen Thal auf einen hohen Berg, das waren seltsame Geschichten. Da waren zwei Krähen, mähten eine Wiese, und ich sah zwei Mücken an einer Brücke bauen, und zwei Tauben zerrupften einen Wolf, zwei Kinder die wurfen zwei Zicklein, aber zwei Frösche droschen miteinander Getreid aus. Da sah ich zwei Mäuse einen Bischof weihen, zwei Katzen, die einem Bären die Zunge auskratzten. Da kam eine Schnecke gerennt und erschlug zwei wilde Löwen, da stand ein Bartscheerer, schor einer Frauen ihren Bart ab, und zwei säugende Kinder hießen ihre Mutter stillschweigen. Da sah' ich zwei Windhunde, brachten eine Mühle aus dem Wasser getragen und eine alte Schindmähre stand dabei, die sprach: es wäre Recht. Und im Hof standen vier Rosse, die droschen Korn aus allen Kräften, und zwei Ziegen, die den Ofen heitzten und eine rothe Kuh schoß das Brot in den Ofen. Da krähte ein Huhn: Kickeriki! Das Märchen ist ausverzählt, kickeriki!

O Conto da Terra da Preguiça

No tempo da preguiça[6], eu fui e vi, pendurados em um pequeno fio de seda, Roma e o Palácio de Latrão[7], um homem sem pés que corria mais rápido do que um cavalo e uma espada

[6] O termo *Schlauraffenland* também significa "terra da abundância", uma ironia em face à pobreza da maioria dos camponeses e homens medievais.

[7] O Palácio de Latrão é um antigo palácio, herança do Império Romano, que viria a ser a principal residência papal no Sudeste de Roma.

extremamente afiada, que podia cortar uma ponte. Então, eu vi um jovem burro com um nariz prateado, que ia atrás de dois velozes coelhos, e uma tília imensa, na qual cresciam pães ázimos[8] quentinhos. Aí, eu vi espíritos velhos e secos, que carregavam cem carroças de banha de porco e sessenta carroças de sal. Não são mentiras o suficiente?

Então, eu vi um arado sem dentes funcionando sem cavalo ou gado e uma criança de um ano jogava quatro mós de Regensburg até Trier e de Trier a Estrasburgo; e um açor nadou sobre o Reno, como ele tinha direito de fazer. Depois, ouvi peixes fazendo tanto barulho uns com os outros, que se ouvia nos Céus, e um doce mel fluía como a água de um vale profundo em uma alta montanha. Essas eram coisas estranhas. Em seguida, havia dois corvos cortando a grama de um campo, e vi dois mosquitos construindo uma ponte e dois pombos devorando um lobo e duas crianças dando à luz , mas dois sapos debulhavam cereais. Vi dois camundongos consagrando um bispo e dois gatos coçando a língua de um urso. Depois, um caracol chegou correndo e matou dois leões selvagens. Então, um barbeiro cortava a barba de uma mulher, e duas crianças que estavam amamentando pediram silêncio à mãe. Vi dois cães galgos trazendo um moinho tirado da água e uma velha égua que estava ao lado dizia que estava certo. E, no pátio, quatro cavalos debulhavam milho com toda sua força e dois bodes esquentavam o forno, aonde uma vaca vermelha jogava o pão. E assim cantou o galo: Cocoricó! A história chegou ao fim, cocoricó!

[8] Pães ázimos são um tipo de pão feito sem fermento, utilizando como ingrediente apenas água e farinha.

VII. MUDANÇA DE TEMPOS - DAS SCHLARAFFENLAND DOS IRMÃOS GRIMM

Os irmãos Jacob Ludwig Karl Grimm e Wilhelm Carl Grimm foram acadêmicos e linguistas alemães, nascidos em Hanau, no Sacro-ImpérioRomano-Germânico, na atual Alemanha. Os irmãos são, acima de tudo, conhecidos até hoje por suas versões de histórias e contos de fadas, que continuam a influenciar a literatura infantil.

Jacob e Wilhelm, nascidos em 1785 e 1786, respectivamente, formaram-se no início dos anos 1800 no Friedrichsgymnasium, em Kassel, com notas altas, e foram estudar na Universidade de Marburg. Lá, os irmãos descobriram uma afinidade por literatura germanófona medieval, através de professores e amigos acadêmicos, também fascinados pela literatura germânica, em especial, segundo Zipes (2002, p. 8), pela "Volkspoesie", ou seja, "poesia popular".

Com o surgimento do movimento literário romântico na Europa no início do século XIX, também foi revivido o apreço por tradições populares, algo que havia decaído após seu ápice no século XVII, com os contos de Perrault e o apreço do rei Luís XIV por eles (JEAN, 2007, p. 279-280). No século XVIII, em oposição ao século anterior, a literatura publicada acabou dando uma maior importância a debates intelectuais, políticos e filosóficos, discutindo o absolutismo monárquico em detrimento de histórias idealizadas - aqui, mais uma vez, podemos observar o movimento pendular da literatura, com as tendências de cada geração opondo-se às tendências de geração anterior.

Assim, o movimento de abraço às tradições e as buscas pelas raízes nacionais com viés patriótico surgiram na Europa no século XIX, em especial na Alemanha, onde os irmãos Grimm e sua coleção de contos populares tiveram papel de destaque. Em torno de 1808, os irmãos começaram a reunir histórias populares, originadas geralmente da tradição oral. Eles acreditavam que essas histórias não só refletiam a sociedade germânica, mas também podiam explicar as origens da cultura e unir o povo de língua alemã[9], na época dividido por conta da ocupação francesa oriunda das Guerras Napoleônicas. Para os irmãos, o povo se uniria através da herança comum germânica reacendida pelo folclore.

Zipes (2002) fala sobre as florestas encantadas nas histórias dos irmãos, mostrando a magnitude e sua presença nos contos, dissecando sua importância e significado e analisando as

[9] Aqui refere-se como "povo alemão" aos falantes de alemão das regiões do Sacro Império, onde esse era o idioma falado no início do século XIX.

intenções por trás da inserção das florestas encantadas como algo presente em inúmeras das obras dos irmãos Grimm. Ele traz um escrito de Jacob para Wilhelm, uma carta de 1805, em que Jacob diz acreditar que o único lugar em que é possível se desvencilhar das normas que restringem a sociedade e se imergir em uma "ideia de passado" é em uma floresta com animais selvagens. Zipes cita, ainda, que os irmãos viriam a publicar um diário em 1813, chamado *Altdeutsche Wälder* (Antigas Florestas Alemãs), demonstrando a crença que, nessas antigas florestas alemãs, se conheceria verdades sobre os costumes e a cultura alemã, gerando uma maior compreensão e união entre o povo.

Antes disso, contudo, os irmãos publicaram, em 1812, o clássico *Kinder- und Hausmärchen*, uma coletânea de contos populares alemães. A intenção inicial dos Grimm não era atingir o público infantil - muito pelo contrário. Apesar do teor fantástico das histórias, a primeira edição do livro, publicada com 86 contos, foi considerada imprópria para crianças, pois alguns contos de fadas tinham conteúdo sexual ou violento (TATAR, 1987, p. 15-17). Foram publicadas muitas edições subsequentes que alteraram não só histórias consideradas impróprias, mas que também substituíram algumas histórias originais e adicionaram outras. Em 1857, a coletânea havia aumentado de 86 para mais de 200 contos.

Com tudo isso em mente, não é difícil entender o porquê da inclusão de *Das Märchen vom Schlauraffenland* na coletânea de histórias desde sua primeira edição. Jacob e Wilhelm tinham grande apreço por obras folclóricas antigas, acreditando que, nelas, se poderia encontrar grande conhecimento sobre a sociedade alemã. Sabemos, também, que a história da chamada "Terra da Preguiça", em suas inúmeras versões, demonstrava carências da população medieval, em especial de camponeses e trabalhadores mais simples, permitindo um verdadeiro vislumbre dos desejos e sonhos da sociedade medieval.

Das Märchen vom Schlauraffenland tem sua origem em uma história medieval chamada "Sô ist diz von lügenen", transcrita por Wilhelm Grimm do médio alto-alemão, tirada de uma coletânea de poemas medievais do século XIV (Zipes, 2014). Uther (2008, p. 329-331) especula ainda, que a escolha da palavra "schlaraffen" - que tem sua origem no médio alto-alemão *slûr*, que significava "preguiçoso" - é uma referência deliberada por parte de Wilhelm ao *Narrenschiff*, obra satírica de Sebastian Brant conhecida em português como "Nau dos Insensatos". Nessa obra, que por si só é uma referência à alegoria do navio de Platão, Brant tece uma sátira sobre as falhas e imoralidades do homem, como inveja, adultério e a própria preguiça. A Schlaraffenland é a terra de onde os "Schlaraffen" vêm.

A *Schlauraffenland*, como mundo onde a realidade se inverte, é a versão cocaniana dos Grimm. Como tal, ela tem suas particularidades em relação às outras versões da Cocanha, a

terra do eterno Carnaval. A versão dos Grimm, como *Lügengeschichte* que é, foca muito menos no aspecto alimentar geralmente presente na Cocanha e volta-se mais para as impossibilidades que a terra torna possíveis, como mosquitos construindo pontes e animais cozinhando. Isso é bem claro nas linhas 5 e 6: "Aí, eu vi espíritos velhos e secos, que carregavam cem carroças de banha de porco e sessenta carroças de sal. Não são mentiras o suficiente?" Essa pergunta deixa muito claro que na *Schlauraffenland* não há magia, não há maravilhas ou ao menos um quê de fantástico - lá há mentiras.

Zipes (2001, p. 68-69) aponta que, mesmo com os irmãos tentando manter a expressão e mensagem originais de cada história em sua coletânea, elas ainda eram editadas e modificadas. Wilhelm ficou majoritariamente responsável por essas funções a partir de 1815, com o intuito de uniformizar e formatar as subsequentes edições do *Kinder- und Hausmärchen*. Zipes ainda nota que, além de formatar os contos de fadas, Wilhelm também acabou por fazer modificações em seus conteúdos, retirando quaisquer temas que pudessem desagradar a classe média e sua moralidade, acrescentando temas e expressões de teor cristão, reforçando os papéis sociais da sociedade da época e modificando certas escritas para que ficassem mais palatáveis para o público infantil.

> Além disso, apesar de a coleção não ter sido inicialmente publicada com crianças em mente como público principal, Wilhelm fez todas as edições após 1819 mais atraentes para o público infantil ou como ele achava que seriam próprias para crianças. Isso não contradizia o que os Irmãos achavam que a coleção deveria ser, isto é, um manual educacional, um *Erziehungsbuch*. A tendência a atrair um público virtuoso de classe média e a educar jovens leitores é mais evidente no chamado *Kleine Ausgabe,* a Pequena Edição, uma seleção de 50 contos, publicada pela primeira vez em 1825, que continha em sua maioria *Zaubermärchen*, ou contos de fada mágicos. Houve dez edições desse livro até 1858, e ele continha os contos mais populares como Cinderela, Branca de Neve, Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, A Princesa e o Sapo, etc., a maioria deles frisando a moralidade em seguir a ética Protestante e uma rígida noção patriarcal de deveres e papéis de gênero.[10]

Com a publicação da segunda edição dos *Kinder- und Hausmärchen*, os irmãos acreditavam ter conseguido capturar profundas verdades sobre a humanidade e a cultura alemã. Não é, portanto, difícil de entender a ótica dos irmãos sobre o conto da Terra da Preguiça. Para

---

[10] "*Moreover, though the collection was not originally published with children in mind as primary audience, Wilhelm made all the editions after 1819 more appealing to a children's audience or what he thought might be proper for children. This did not contradict what the brothers thought the collection should be, namely, an education manual, an Erziehungsbuch. The tendency to attract a virtuous middle-class audience and to educate young readers is most evident in the so-called Kleine Ausgabe, the Small Edition, a selection of 50 tales, first published in 1825, which contained a majority of Zaubermärchen, or magic fairy tales. There were ten editions of this book until 1858, and it contained the most popular tales such as Cinderella, Snow White, Sleeping Beauty, Little Red Riding Hood, The Frog King, etc., most of which underline morals in keeping with the Protestant ethic and a strict patriarchal notion of sex roles and chores.*" Zipes, 2001, p. 69

eles, que acreditavam na ética Protestante, a disciplina e a frugalidade eram valorizadas e a preguiça condenada. O trabalho era visto como uma vocação divina que deveria ser realizado de bom grado, por ser um dever que beneficiaria não só o indivíduo, como toda a sociedade.

A escolha lexical do nome da Cocanha dos irmãos Grimm não é coincidência - “Terra da Preguiça”. Apesar de, em sua origem, a Cocanha ser uma história escapista, criada como tentativa de sanar necessidades do camponês medieval no campo imaginário ainda que não na vida real, a versão da Cocanha dos irmãos Grimm não é apresentada de modo tão sonhador. Na verdade, para eles, é um lugar de mentiras, de impossibilidades, baseado em tolos insensatos que vêm da terra dos preguiçosos e não cumprem sua vocação e fogem da moralidade. A abundância e o descanso característicos da Cocanha não são, sob a ótica protestante, algo a se desejar.

VIII. VIAGEM AO PAÍS DE SÃO SARUÊ - TEXTO ORIGINAL

Doutor mestre pensamento
me disse um dia: -Você
Camilo vá visitar
o país São Saruê
pois é o lugar melhor
que neste mundo se vê.
Eu que desde pequenino
sempre ouvia falar
nesse tal São Saruê
destinei-me a viajar
com ordem do pensamento
fui conhecer o lugar.
Iniciei a viagem
as quatro da madrugada
tomei o carro da brisa
passei pela alvorada
junto do quebrar da barra
eu vi a aurora abismada.
Pela aragem matutina
eu avistei bem defronte
a irmã da linda aurora
que se banhava na fonte
já o sol vinha espargindo
no além do horizonte.
Surgiu o dia risonho
na primavera imponente
as horas passavam lentas
o espaço incandescente
transformava a brisa mansa
em um mormaço dolente.

Passei do carro da brisa

para o carro do mormaço
o qual veloz penetrou
no além do grande espaço
nos confins do horizonte
senti do dia o cansaço.
Enquanto a tarde caía
entre mistério e segredos
a viração docilmente
afagava os arvoredos
os últimos raios de sol
bordavam os altos penedos.
Morreu a tarde e a noite
assumiu sua chefia
deixei o mormaço e passei
pro carro da neve fria
vi os mistérios da noite
esperando pelo dia.
Ao surgir da nova aurora
senti o carro pairar
olhei e vi uma praia
sublime de encantar
o mar revolto banhando
as dumas [sic] da beira mar.
Avistei uma cidade
como nunca vi igual
toda coberta de ouro
e forrada de cristal
ali não existe pobre
é tudo rico em geral.
Uma barra de ouro puro
servindo de placa eu vi
com as letras de brilhante
chegando mais perto eu li

dizia: - São Saruê
é este lugar aqui.
Quando avistei o povo
fiquei de tudo abismado
uma gente alegre e forte
um povo civilizado
bom, tratável e benfazejo
por todos fui abraçado.
O povo em São Saruê
tudo tem felicidade
não há contrariedade
não precisa trabalhar
e tem dinheiro a [sic] vontade.
Lá os tijolos das casas
são de cristal e marfim
as portas barras de prata
fechaduras de “rubim”
as telhas folhas de ouro
e o piso de sitim [sic].
Lá eu vi rios de leite
barreiras de carne assada
lagoas de mel de abelha
atoleiros de coalhada
açudes de vinho do porto
montes de carne guisada.
As pedras em São Saruê
são de queijo e rapadura
as cacimbas são café
já coado e com quentura
de tudo assim per diante
existe grande fartura.

Feijão lá nasce no mato

maduro e já cozinhado
o arroz nasce nas várzeas
100 já prontinho e despolpado
perú nasce de escôva
sem comer vive cevado.
Galinha põe todo o dia
invés de ovos é capão
105 o trigo invés de sementes
bota cachadas de pão
manteiga lá cai das nuvens
fazendo ruma no chão.
Os peixes lá são tão mansos
110 com o povo aostumados
saem do mar vem [sic] pras casas
são grandes, gordos e cevados
é só pegar e comer
pois todos vivem guisados.
115 Tudo lá e bom e fácil
não precisa se comprar
não há fome nem doença
o povo vive a gozar
tem tudo e não falta nada
120 sem precisar trabalhar.
Maniva lá não se planta
nasce e invés de mandioca
bota cachos de beijú
e palmas de tapioca
125 milho a espiga é pamonha
e o pendão é pipoca.
As canas em São Saruê
não tem bagaço (é gozado)
umas são canos [sic] de mel
130 outras açucar refinado

as folhas são cinturão
de pelica e bem cromado.
Lá os pés de casimira
brim, borracha e tropical
de naycron, belga e linho
e o famoso diagonal
já bota as roupoas prontas
proprias para o pessoal.
Os pés de chapéus de massa
são tão grandes e carregados
os de sapatos da moda
têem cada cachos “aloprados”
os pés de meias de sêda
chega vive “escangalhados”.
Sítios de pés de dinheiro
que faz chamar atenção
os cachos de notas grandes
chega arrastam pelo chão
as moitas de prata e ouro
são mesmo que algodão.
Os pés de notas de mil
carregam chega encapota
pode tirar-se a [sic] vontade
quanto mais tira mais bota
além dos cachos que tem
casca e folha tudo é nota.
Lá quando nasce menino
não dar [sic] trabalho a criar
já é falando e já sabe
ler, escrever e contar
saltaa, corre, canta e faz
tudo quanto se mandar.

Lá não se ver [sic] mulher feia
e toda moça é formosa
bem educada e decente
bem trajada e amistosa
é qual um jardim de fadas
repleto de cravo e rosa.
Lá tem um rio chamado
o banho da mocidade
onde um velho de cem anos
tomando banho a [sic] vontade
quando sai fora parece
ter vinte anos de idade.
É um lugar magnífico
onde eu passei muitos dias
bem satisfeito e gozando
prazer, saúde, alegrias
todo esse tempo ocupei-me
em recitar poesias.
Lá existe tudo quanto é beleza
tudo quanto é bom, belo bonito
parece um lugar santo e bendito
ou um jardim da divina Natureza:
imita muito bem pela grandeza
a terra da antiga promissão [sic]
para onde Moisés e Aarão
conduziam o povo de Israel,
onde dizem que corriam leite e mel
e caía manjar do céu no chão.
Tudo lá é festa e harmonia
amor, paz, benquerer, felicidade
descanso, sossego e amizade
prazer, tranquilidade e alegria;
na véspera de eu sair naquele dia

um discurso poético, lá eu fiz,
me deram a mandado de um juiz
um anel de brilhante e de “rubim”
no qual um letreiro diz assim:
- é feliz quem visita este país.
Vou terminar avisando
a qualquer um amiguinho
que quizer [sic] ir para lá
posso ensinar o caminho,
porém só ensino a quem
me comprar um folhetinho.

FIM

IX. O TRÓPICO MEDIEVAL OU O MEDIEVO TROPICAL? - O PAÍS DE SÃO SARUÊ

Manoel Camilo dos Santos foi um escritor e poeta paraibano, que publicou mais de 150 folhetos em sua vida, o mais famoso deles, talvez, sendo o cordel *Viagem ao País de São Saruê*. Esse texto retrata a versão brasileira da Cocanha, publicada sete séculos após o *Fabliau de Cocaigne*, texto do norte francês que é a primeira ocorrência registrada do uso do termo "Cocanha" para descrever uma terra imaginária. A ideia da Cocanha percorreu muitos países e sociedades, e o objetivo das versões desse mundo ideal foi mudando com o tempo. Após ser reproduzida na Europa por séculos, a história chegou no nordeste brasileiro, onde nossa versão teve sua origem.

Franco Júnior, em sua obra *Cocanha: A História de um País Imaginário*, afirma ser fácil entender o porquê da circulação desta obra no contexto do nordeste brasileiro da época - a região, até hoje, mais economicamente frágil do país, abrindo espaço para que se tracem comparações com o estado dos camponeses na Baixa Idade Média -, mas não tão fácil entender o "como". Isto é, entender o caminho que o relato de um mundo cocaniano percorreu, saindo da Europa medieval até chegar no sertão brasileiro da década de 50. Segundo ele, "a localização da Cocanha destinada a ter maior sucesso foi a América." (1998, p. 212).

A descoberta do Novo Mundo teria inspirado grande esperança nos europeus, em especial nos italianos, que sofriam com a fome em sua pátria[11]. Não só havia o entusiasmo geral dos europeus pela ideia de um novo continente, mas a comparação direta da América com a Cocanha era feita por recrutadores que buscavam trabalhadores italianos para emigrar para o Brasil. Isso tocava na delicada questão dos desejos insatisfeitos desse grupo de italianos e seria o suficiente para que eles aceitassem a proposta, mesmo sem crer na promessa da Cocanha. Além disso, é importante lembrar das disputas territoriais e avanços holandeses, que ocuparam o nordeste brasileiro por mais de uma década no século XVII - holandeses que tinham também sua própria versão da Cocanha, a *Luilekkerland*, baseada na versão alemã e que, assim como ela, era perpassada por um tom moralizante. A fome nordestina teria propiciado o ambiente ideal para a propagação da história do mundo dos excessos, retomando sua função original da época medieval, de escapismo e expressão de desejos coletivos. Assim, a Cocanha penetra o imaginário coletivo brasileiro.

---

[11] É usado, aqui, o termo "pátria" de forma geral para referenciar a região e o povo, uma vez que a Itália como reino constituído se unificou apenas em 1861.

Franco Júnior afirma também que, na época de seu descobrimento, o próprio Brasil era descrito com características cocanianas. Longa era a lista de benesses atribuídas ao Brasil, desde seu clima que "desconhece extremos", sua abundância em todos os tipos de produtos, até suas deliciosas frutas e seus agradáveis odores. Até Voltaire é citado por Franco Júnior (1998, p. 220) como um grande nome que acreditava nas Américas como uma verdadeira Cocanha, afirmando, ainda no século XVIII, que havia no Brasil uma "eterna primavera" e se viveria até os 120 anos de idade. Com o passar do tempo, no entanto, a idealização das colônias europeias na América decaiu e a utopização da Cocanha na Europa foi perdendo sua força e significado e, como afirma Franco Júnior, "sua função sociocultural".

> Tal função manteve-se em pelo menos uma região de características arcaizantes. De fato, enquanto os relatos sobre a Cocanha desaparecem na Europa ocidental de meados do século XX, uma nova versão surge no contexto medievalizado do Nordeste brasileiro. Como Mario Martins acertadamente escreveu, "a maneira medieval de ser e de sentir, a sua mundividência e também o seu conteúdo poético e social [prolongaram-se] no Nordeste brasileiro, onde o poder central nem sempre conseguiu impor-se, dando origem a uma espécie de vida feudal, com a psicologia correspondente". Isso porque, concluiu aquele estudioso, "a Idade Média não é um tempo, mas antes certo modo de ser e de estar no mundo". Neste modo de ser, a literatura nordestina de cordel apresenta características e funções semelhantes às da literatura oral da Idade Média européia." (Franco Júnior, 1998, p. 220)

Viagem ao País de São Saruê bebe diretamente da fonte do *Fabliau de Cocaigne*. Franco Júnior afirma que "as diferenças entre os dois textos são culturais, não estruturais" (2008, p. 225). O mitológico São Saruê tem comidas típicas brasileiras como arroz, feijão, rapadura e café; é um lugar de pessoas civilizadas; é um país rico; tem uma fonte da juventude. Esses, dentre outros exemplos, têm suas equivalências no texto do *Fabliau*. Além disso, ambos os textos apresentam esse mundo fantástico de forma positiva. São Saruê é uma representação das necessidades do povo nordestino e, apesar de o *Fabliau* usar a Cocanha como uma metáfora para entregar a moral de uma história, essa moral reside justamente no fato de que a Cocanha é um lugar maravilhoso e que o eu-lírico cometeu um erro abrindo mão dela.

Os excessos são um tema comum e de destaque em todas as representações da Cocanha, mas, em São Saruê, a abundância alimentar é central. São mencionados no texto vinte e três

tipos de comida diferentes, desde o considerado básico na alimentação do brasileiro como arroz e feijão até “açudes de vinho do porto”. Além disso, todos esses alimentos existem em excesso - há “rios de leite”, “barreiras de carne assada”, “feijão lá nasce no mato” e “o arroz nasce nas várzeas”. Aqui não temos um sonho por comidas características das classes mais altas, porque é muito mais importante para as pessoas em situação de fome que haja comida em abundância e de fácil acesso, como é o caso em São Saruê.

O nordeste historicamente sofria com secas frequentes, que contribuíram para a miséria da região, onde a fome e a desigualdade reinavam. No cordel, podemos perceber que a morte é um ponto de aflição para o povo nordestino - além de enumerar os vários comes e bebes disponíveis por lá, o eu-lírico menciona diretamente que lá “não há fome nem doença”, dando a entender que lá ninguém morre de fome ou por questões de saúde.

Além disso, o fato de não ser preciso trabalhar vai além de apenas ócio. Apesar de não ser preciso trabalhar e todos serem ricos, o texto não dá a entender que a preguiça é incentivada ou que se dorme e descansa o dia todo. Na verdade, eu-lírico diz que teve uma ocupação no seu tempo em São Saruê - recitava poemas. Isso evidencia algo mais profundo do que preguiça. O homem quer, sim, se ocupar, mas com algo que lhe dê prazer e tranquilidade. O desejo aqui é de não ser explorado.

São Saruê tem, então, o intuito de gerar uma espécie de catarse no homem sertanejo, assim como a Cocanha fazia pelo camponês medieval, que vivia em uma péssima situação socioeconômica, sem ter os meios de a alterar ou dela escapar. Ironicamente, vemos a obra brasileira escrita no século XX retomando as origens desse mundo utópico medieval, criando entre o nordeste brasileiro e o medievo europeu uma conexão que ultrapassa a distância de tempo e espaço entre as duas sociedades.

X. AS FACES DA COCANHA: COMPARANDO AS FONTES

Desde a origem da palavra, documentada pela primeira vez em torno do século XII, a Cocanha permeou o imaginário coletivo da sociedade ocidental como exemplo de um mundo de valores invertidos. Sua função sociocultural modificou-se ao longo do tempo, conforme novas versões eram escritas e difundidas através da Europa - segundo Lever (1980, p. 179), a própria imagem da inversão de valores pode ser, dependendo do ponto de vista escolhido, tanto revolucionária quanto conservadora, tanto satírica quanto utópica. É nessas dualidades que encontramos as representações da Cocanha, em especial aquelas presentes nos textos anteriormente analisados.

A ideia de um "mundo de cabeça para baixo" era bastante comum na Idade Média. Pleij (1997, p. 345) afirma que, nessa época, era vital poder fantasiar sobre um lugar, onde preocupações e problemas diários não existiam, e que os sonhos de uma vida em um mundo ideal serviam como forma de acalentar os sofrimentos cotidianos. Ele complementa dizendo que as imagens absurdas, inverossímeis e até mesmo grotescas retratadas na Cocanha serviam como contraponto da seriedade da vida real, tendo a função de combater o medo de que a realidade já ruim fosse de mal a pior.

É possível, ao analisar utopias, conhecer um pouco sobre a pessoa que as criou. A origem da Cocanha é atribuída ao coletivo, por sua tradição oral e folclórica antes mesmo de ter registros escritos - "Sonhar com a Cocanha era um meio de aliviar as preocupações de camponeses e das classes sociais mais baixas […]"[12]. A criação de utopias é algo intrínseco à experiência humana, em especial no contexto do sofrimento. Para Franco Júnior, "toda utopia exprime oposição a uma situação considerada intolerável." e "[…] utopia é a manifestação sócio-cultural-psicológica que responde às deficiências de cada momento, estando por isso presente em toda a história." (1998, p. 19). Consequentemente, as utopias têm por definição um caráter subversivo, que almeja a disrupção do *status quo* da sociedade que as originou.

A Cocanha tornou-se extremamente popular na Idade Média, conforme assinala Pleij, (1997, p. 3.) Apesar de já não acreditarem que fosse um local real, os pobres ainda conheciam a terra de clima ideal e sempre ameno, onde trabalhar era proibido, a preguiça era não só encorajada como recompensada, a alimentação estava sempre garantida, pois os animais andavam por aí já cozidos e até a arquitetura era comestível, os rios eram feitos de leite e vinho,

---

[12] "*Dreaming of Cockaigne was a means of alleviating the everyday worries of peasants and the lower middle classes […]*" (Pleij, 1997, p. 6)

os prazeres eram ininterruptos, o sexo era livre, não havia brigas, não se ficava velho e todos que lá viviam tornavam-se ricos - um lugar assim poderia até ser descrito como o paraíso na Terra. Pleij (1997, p. 6-7) afirma que, na Idade Média, a população sofria muito com questões existenciais relacionadas à Igreja, em especial, com a Queda do Homem. Havia um grande fascínio com esse acontecimento bíblico, apontado como o momento que causou todo o sofrimento que existia na Terra. Desse modo, ele afirma também, havia um desejo coletivo de restaurar o Jardim do Éden, algo que, somado à carência de recursos e de alimento abundante e frequente para as camadas menos favorecidas da população, facilitou muito a disseminação das inúmeras variações de histórias sobre a Cocanha.

Com o passar do tempo, as versões da Cocanha foram mudando, adaptando-se às particularidades das regiões onde elas surgiam e esvaziando-se de sua original função sociocultural. Entre muitas outras versões criadas ao longo dos anos, notadamente na França surge o *Fabliau de Cocaigne* e na Alemanha[13] do século XVI surge *Das Schlaraffenland,* de Hans Sachs.

Se, em sua origem, a Cocanha cumpre um papel de escape da realidade para o campo onírico, na Alemanha, ela adquire um viés moralizante e satírico. É verdade que a Reforma Protestante impactou fortemente a cultura de língua alemã, e a versão alemã da Cocanha, chamada *Schlaraffenland*, não escapou de sua influência. O que primeiro chama atenção é a drástica mudança do nome - a palavra Cocanha, etimologicamente, remete a comida, cozinha, carne, carnaval. Isso não é à toa, uma vez que essas palavras se encontram em posição de destaque no campo lexical cocaniano. A Cocanha tem, como elemento central, a alimentação frequente, acessível e abundante.

Franco Júnior (1998) especula que a palavra pode ter sua origem no latim *coquere*, que significa cozinhar, na palavra *coca*, que significa casca de ovo, ou até mesmo, ironicamente, do médio alemão *kokenje*, que deu origem à palavra alemã *Kuchen*, ou seja, bolo. Entretanto, a versão alemã da Cocanha é chamada de *Schlaraffenland* por Hans Sachs e *Schlauraffenland* pelos Irmãos Grimm, em sua versão publicada alguns séculos depois. Em ambos os casos, o próprio nome do lugar tem uma conotação negativa, sendo uma referência aos *Schlaraffen*, ou seja, preguiçosos.

Na Alemanha, a Cocanha assume um papel didático e satírico em ambas as obras. Apesar de terem intuitos diferentes ao escreverem suas versões desse mundo de cabeça para

---

[13] Ainda não havia, nessa época, Alemanha como Estado unificado. Neste período, ainda havia o Saco Império Romano-Germânico.

baixo, tanto Sachs quanto os irmãos Grimm tinham valores muito próximos e uma perspectiva parecida sobre o mundo cocaniano. Sachs queria, com seus escritos, ajudar a difundir os valores luteranos e auxiliar aqueles que não seguiam seus ensinamentos a perceberem seus erros e começarem a seguir um estilo de vida cristão, enquanto os Irmãos Grimm tinham o intuito de conhecer profundamente as origens da sociedade alemã e de escrever um *Erziehungsbuch*, repassando o que eles acreditavam ser virtudes e bons comportamentos.

Mesmo com séculos de distância entre as duas obras, as críticas feitas aos comportamentos presentes na Cocanha são extremamente similares. Assim como Sachs, Jacob e Wilhelm Grimm também eram luteranos e acreditavam na ética que acompanhava essa vertente cristã. O luteranismo preza pelo trabalho duro e pela disciplina, condenando a preguiça e o ócio. Sachs utilizava a sátira, o humor e uma linguagem pouco rebuscada como artifícios didáticos para ter maior apelo às camadas populares e melhor transmitir seus ideais, uma vez que ele tinha o intuito de atrair e converter as pessoas ao Luteranismo.

Nos versos 67-68, ficam evidente os valores que Sachs considerava positivos, já que são aqueles que não cabem na *Schlaraffenland*:

"Quem adora respeito e disciplina,
será expulso desta terra,"

Por outro lado, nos versos 71-74, fica claro quais são as características que ele considerava condenáveis, uma vez que são elas as que trariam sucesso e possibilitariam ascensão social por lá:

"Quem é inútil, não quer aprender nada,
nesta terra alcança grande honra,
e quem for conhecido como o mais preguiçoso,
será coroado Rei."

Os Irmãos Grimm, apesar de não terem como objetivo direto difundir a crença luterana, ainda queriam transmitir o que eles acreditavam ser virtudes e ideais que os "alemães" deveriam seguir. Zipes (2004, p. 70) nota que eles utilizam classes sociais e profissões como arquétipos em suas obras, além de usarem sempre nomes simples e comuns, como Hans e Gretel, o que conferia aos contos uma ideia de generalidade.

Seu objetivo com sua coleção de contos era observar qual o comportamento das pessoas comuns de cada círculo social e, então, apresentar histórias que fizessem com que o leitor chegasse a uma conclusão de como seria o modo de se comportar corretamente, como era exigido pela ética Protestante (Zipes, 2004, p. 69). Não só na obra *Schlauraffenland*, mas em inúmeros contos dos Irmãos Grimm vemos essa tentativa de repasse de ideais.

Um exemplo disso que aparece em diversos contos é o soldado destemido e íntegro, cujo arco narrativo se baseia em provar suas virtudes para que seja aceito na sociedade. O motivo desse recorrente arquétipo nos contos dos Irmãos seria, afirma Zipes (2004, p.70-71), porque, a partir do século XVII, cada vez mais homens eram recrutados pelo exército, que tinha um rígido código de honra e disciplina. O resultado disso eram inúmeras punições corporais e sentenças de morte mesmo em tempos de paz. Em tempos de guerra, comida e vestimentas eram escassas, e a população era obrigada a oferecer abrigo para os soldados, criando um clima de inimizade entre os membros do exército e o restante da população. É dentro desse contexto que entra o tom moralizador dos Grimm, que almejavam, com suas obras, educar as pessoas com as virtudes Protestantes.

A obra dos Grimm tem trechos ao longo da narrativa que servem para trazer o leitor de volta à realidade. O intuito não é que a ideia de um mundo onde "sapos debulham cereais" e "camundongos consagram bispos" fique presente na mente das crianças como algo intrigante e interessante, por isso há, ao longo da história, comentários como "Não são mentiras o suficiente?" ou "Essas eram coisas estranhas". Tudo isso serve para que o leitor não se impressione positivamente com todas as impossibilidades que lá existem e, na verdade, sinta um estranhamento em relação àquele lugar.

Em contraste com o caráter religioso e didático dessas duas obras, o Brasil também tem sua versão da Cocanha. Escrita em meados do século XX, *Viagem ao País de São Saruê* representa uma retomada da função sociocultural que a Cocanha detinha na época medieval. Tratando-se de origem etimológica, Franco Júnior (1998, p. 225) sugere que esse nome tem sua origem na palavra francesa *soirée,* que significa festa. No sertão brasileiro, a ideia de um mundo às avessas perde sua conotação negativa e puritana, restabelecendo a associação com o festejar que era característico na Europa medieval, onde a Cocanha estava interligada com a comemoração carnavalesca. Mais uma vez, temos o mundo invertido como válvula de escape dos sofrimentos do mundo real e até hoje vemos resquícios disso no Brasil, o país do Carnaval.

Cada um dos textos previamente analisados atribui uma maior importância a um aspecto da Cocanha, dependendo de seu intuito. O texto de Sachs, com seu claro intento de moralizar, dá mais atenção à depravação na Cocanha. Ele lista, ao longo do poema, os comportamentos

imorais que eram encorajados no lugar e os bons comportamentos que eram condenados. Por exemplo, nos versos 62 a 66:

"uma coroa é dada para quem contar uma grande mentira.
Não se deve demonstrar intelecto,
e, sim, racionalmente ficar sempre ocioso;
e a quem quiser usar lógica e bom senso,
ninguém sorrirá pelo país inteiro."

Já os Grimm concedem, em sua obra, grande importância para o aspecto da mentira. Acontecem coisas impossíveis na *Schlauraffenland*, mas nada daquilo é factual. São mencionados caracóis matando leões, bodes cozinhando e um arado cozinhando sozinho. Na verdade, o último trecho do conto dá a entender que aquilo tudo é um sonho - a história acaba quando o galo canta, deixando que o leitor interprete que, no final das contas, o eu-lírico está acordando: "Cocoricó! A História chegou ao fim! Cocoricó!".

No caso de São Saruê, o aspecto principal é a comida, mostrando que, apesar de ser o mais tardio dos textos aqui analisados e mais geograficamente distante do lugar onde a história surgiu, é o mais próximo dela em sua origem. A Cocanha foi criada pelo imaginário europeu em um contexto social, político e econômico de grande escassez, desolação e pobreza. É nesse mesmo contexto que se encontrava o Nordeste brasileiro em 1950. Com isso, São Saruê é um lugar feliz, descrito positivamente pelo poeta, como podemos ver na 11ª estrofe:

"Avistei uma cidade
como nunca vi igual toda
coberta de ouro
e forrada de cristal
ali não existe pobre
é tudo rico em geral."

Outro ponto de comparação a ser traçado nessas obras é o aspecto do trabalho. Na obra de Sachs, como já foi dito, o ócio é retratado de forma negativa, partindo do próprio título, como visto nos versos 51-53:

"Por lá ganha-se muito dinheiro,

quem dorme tarde e noite toda,
recebe um florim por hora;”

Além disso, o ato de não trabalhar é agrupado com atos como a mentira e a trapaça, deixando transparecer claramente a ética de trabalho protestante, que valoriza o trabalho duro e a disciplina, já que a vocação seria uma dádiva divina.

No texto dos Grimm, o trabalho braçal é feito por animais e pelos próprios instrumentos de trabalho, que simplesmente funcionam sozinhos: “Então, eu vi um arado sem dentes funcionando sem cavalo ou gado…” Nessa instância, caracteriza-se o teor inverossímil que os Irmãos queriam transmitir. Para eles, o mundo da Cocanha é um mundo de mentiras.

No entanto, como já foi comentado no capítulo de análise do texto de São Saruê, apesar de o mundo idealizado descrito citar descanso e que não é necessário trabalhar, o ócio, ainda assim, não é glorificado. O eu-lírico ocupa seu tempo recitando poemas, ou seja, criando:

“É um lugar magnífico
onde eu passei muitos dias
bem satisfeito e gozando
prazer, saúde, alegrias
todo esse tempo ocupei-me
em recitar poesias.”

É interessante notar que, sob a perspectiva luterana, quando não há obrigação de trabalhar, a pessoa cairá no ócio, um estado visto com desaprovação e considerado pecaminoso, como temos reiterado ao longo de nossa análise. Entretanto, em São Saruê, pode-se dizer que, ao não ser obrigado a exercer uma função qualquer pela qual o eu-lírico não tem interesse genuíno - uma função que, na vida real, ele estaria exercendo apenas para obter dinheiro para comprar comida e sobreviver -, ele escolherá, de bom grado e por prazer, exercer uma função mesmo assim. Apesar de o texto mencionar “recitar poemas” e não escrevê-los, tal atitude é algo válido de se presumir, uma vez que o próprio texto de São Saruê foi publicado em um folheto de cordel, um gênero textual notoriamente de origem e performance oral.

Os três textos analisados têm tanto em comum quanto de diferenças. Apesar de os textos europeus possuírem uma função diferente do texto brasileiro, todos eles ainda originam-se no mesmo lugar - o imaginário coletivo medieval, o último transladado ao sertão nordestino. Pleij (1997, p. 3) afirma que não há uma Cocanha igual a outra. De fato, cada uma delas está inserida

em seu próprio contexto histórico, político e social, o que confere a elas uma nova face a ser reconhecida e estudada. Mesmo assim, há algo em comum que todas essas utopias carnavalescas contém e que nos permite reconhecê-las por seus traços familiares. A criação de utopias está profundamente associada ao imaginário e ao onírico, o que torna essa atividade uma parte integral da experiência humana.

XI. CONCLUSÃO

Em suma, pode-se concluir que, apesar de utopias serem algo constante na psique humana, a Cocanha em especial percorreu diversos países e eras sem perder espaço no imaginário coletivo. Muito pode-se entender sobre uma sociedade ao olhar para os desejos e sonhos dela, e o papel da Cocanha sempre foi possibilitar um vislumbre qualquer de uma realidade em que esses sonhos eram reais.

Entretanto, ao longo do tempo, sua função dentro das sociedades foi mudando - de projeção sonhadora na Idade Média, para um mundo de depravações utilizado de forma didática para transmitir ideais, para parte de um "manual de educação", cuja intenção era ensinar o comportamento ético e moral, para, novamente, uma projeção de sonhos que funciona como uma válvula de escape dos sofrimentos da sociedade.

A Cocanha pode facilmente ser comparada com um ouroboros literário. Mesmo enfraquecida em lugares que não tem mais necessidade do sentido original de sua narrativa, ela encontra um lugar, uma sociedade, um povo que, dentro de suas condições de vida, ainda o tem. Em um contexto de menos miséria e sofrimento, ela transforma-se em uma espécie de arma pedagógica, empunhada por aqueles que a querem usar como exemplo de um mundo caótico, sem moral e enterrado na desordem. Sua função passa a ser ajudar a manter a ordem social, econômica e política em vigor no momento, em vez de representar uma fuga, mesmo que temporária, de um sistema opressor.

Essa dicotomia pode ser observada nos textos trabalhados anteriormente. No caso das obras alemãs, a versão da Cocanha apresentada servia a um propósito didático e, mesmo com suas diferenças, ainda tinham muito em comum. No caso da Cocanha de Hans Sachs, temos uma escrita satírica que tem como objetivo passar adiante os valores luteranos e aproximar os leitores dessa vertente cristã. A Cocanha dos Irmãos Grimm também tem o objetivo de veicular uma mensagem e ensinar algo ao leitor. Até mesmo os valores passados são similares, uma vez que os Grimm queriam educar de acordo com a ética e valores protestantes, oriundos dos ensinamentos e textos de Lutero.

Já São Saruê, a Cocanha brasileira, se encontra do outro lado da moeda. Percebe-se que, em uma condição de miséria e carência - de alimento, trabalho e condições de vida dignas -, a Cocanha retoma sua função original: a projeção dos sonhos da população mais pobre. Assim, é criado um mundo que, só por existir, solucionaria os problemas dessa parcela da população que se via desamparada social, econômica e politicamente.

A Cocanha segue, então, com sua dualidade. Desde sua origem, ela existiu como um contraponto do mundo real, uma versão invertida, tal qual o mundo estivesse olhando para seu próprio reflexo em um espelho. Apesar de seus aspectos em comum, as várias versões da Cocanha não poderiam ser mais diferentes entre si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, Eduardo Henrik. Entre Cocuce e Cocanha: Percurso de um Diálogo. *Revista de História*, Londrina, ano 2003, ed. 1, p. 42-102, 2010.

BAGNO, Silvana. Lembranças do país da cocanha entre os descendentes de imigrantes italianos no início do século XX: o Brasil imaginado. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, ano 9, n. 1, p. 248-253, 2009.

BAKER, Sharon. *From Satire to Silence: Hans Sachs's Commentary on Civic Decline*. London: University of London, 2017. Thesis (Doctor of Philosophy).

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais*. Tradução: Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1987.

BRANDÃO, Júlia Ciasca. A Cocanha de Hans Sachs In: MORUS: *Utopia e Renascimento*, Campinas, v. 11, n. 2, p. 557-573, 2016.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CUSTÓDIO, José de Arimathéia Cordeiro. Do Inferno de Dante à Cocanha: Fomes e Gulas Medievais. *Anais da Jornada de Estudos Antigos Medievais*, Londrina, 2010, p.1-13

DOS SANTOS, Manoel Camilo. "Viagem ao País de São Saruê", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 4 (2005)

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: Nascimento do Ocidente*. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha: A História de Um País Imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FROMMING, SIGFRID. *A Influência da Censura em Seis Traduções Brasileiras dos Contos dos Irmãos Grimm No Século XX*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. 342 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) .

GODOY, Ana Boff de. Cocanha. In: BERND, Zilá (org.). *Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2007. p. 121-127.

GODOY, Ana Boff de. *O* Eu *e o* Outro *na Terra da Cocanha: o Jogo da Identidade Italiana em Solo Gaúcho*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002. Dissertação (Mestrado em Letras: Literatura Brasileira)

JAKOB, Grimm; WILHELM, Grimm. *Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm.* Disponível em: <https://www.woerterbuchnetz.de/DWB> Acesso em 10 dez 2021.

JAKOB, Grimm; WILHELM, Grimm. *Kinder- und Hausmärchen*. Göttingen: Dieterich'sche Buchhandlung, 1857.

JEAN, Lydie. Charles Perrault's Paradox: How Aristocratic Fairy Tales Became Synonymous With Folklore Conservation. *Trames*. 11 (61/56), 3 (2007), 276-283.

LEVER, M. *La Représentation du mythe, essai d'iconologie*. Le monde à l'envers. Paris: Hachette-Massin, 1980.

NETO, Orlando Marcondes Ferreira. Herder, os Contos dos Grimm e a Volkspoesie. *Anais do simpósio "Magias, encantamentos e metamorfoses*", Rio de Janeiro, 2013, p. 25-36.

NUNES, Geice Peres. Viagem Ao São Saruê: O Encontro entre o Mito Medieval e a Poesia Popular do Nordeste. *Travessias*, Paraná, v. 5, n. 1, p. 114-129, 2011.

PLEIJ, Hermann. *Dreaming of Cockaigne. Medieval fantasies of the perfect life*. New York: Columbia University Press, 1997.

REZENDE FILHO, Cyro de Barros. Os Pobres Na Idade Média: de Minoria Funcional a Excluídos Do Paraíso. *Revista Ciências Humanas* – Universidade De Taubaté, Cajazeiras, v. 1, n. 1, 2009, p.2-9.

RIBEIRO, Esdras do Nascimento. Os Contos dos Irmãos Grimm e o Ensino de Literatura na Turma do 7° Ano do Ensino Fundamental. Cajazeiras: Universidade Federal de Campina Grande, 2016. Dissertação (Mestrado em Letras).

SACHS, Hans. *Das Schlaraffenland*, 1530. Disponível em: <https://www.zgedichte.de/gedichte/hans-sachs/schlaraffenland.html>. Acesso em: 7 dez. 2021.

SCRIBNER, R.W. *Popular Culture and Popular Movements in Reformation Germany.* Londres: The Hambledon Press, 1987.

SIQUEIRA, Luana. A pobreza como "disfunção" social: a culpabilização e a criminalização do indivíduo. *Argumentum*, Vitória (ES), v. 6, n. 1, p. 240-252, jan./jun. 2014.

TATAR, Maria. *The Hard Facts Of The Grimms' Fairy Tales*. New Jersey: Princeton University Press, 1987.

UTHER, Hans-Jörg. *Handbuch zu den „Kinder- und Hausmärchen" der Brüder Grimm. Entstehung – Wirkung – Interpretation*. Berlin: De Gruyter, 2008.

ZIPES, Jack. *The Brothers Grimm: From Enchanted Forests to the Modern World*. 2. ed. Londres: Palgrave Macmillan, 2002.

ZIPES, Jack. The Enchanted Forest of The Brothers Grimm: New Modes of Approaching the Grimms' Fairy Tales. *Germanic Review*, New Jersey, p. 66-74, 2001.

ZIPES, Jack. *The Original Folk and Fairy Tales of the Brothers Grimm*. New Jersey: Princeton University Press, 2014.